

## BIBLIOGRAFIA

PEDRO DE PALOL — *Arqueologia Cristiana de la España romana*, ed. do Instituto Enrique Florez (C. S. I. C.), Madrid, Valladolid, 1967, XX+418 págs., 98 figs. no texto, CXV ests., V mapas. Preço 600 pts.

De há tempos que era esperado, com muito interesse, este trabalho monumental do Prof. Pedro de Palol. Falta aos estudiosos uma obra de conjunto sobre as manifestações artísticas até há pouco mal conhecidas, onde um investigador persistente e esclarecido ordenasse e comentasse, não só o abundante material que diariamente nos é dado apreciar sobre os últimos achados e investigações realizadas um pouco por toda a Península, mas também os integrasse no conjunto dos valores de há muito revelados. A ordenação referida não foi elaborada sob um critério unilateral, limitando-se o A. a alinhar o que andava disperso.

Estabelecido o período em que se desenrolou a Arq. Cristã, determina-lhe os limites, precisamente entre o séc. IV e o surto da Arte visigótica, no final

do séc. VI. Tendo por base o conhecimento da história da época para bem se poder compreender o ambiente por ele revelado e, com o ambiente, o espírito que o animou; bem integrado, pois, no período e no lugar em que viveu, mostra-nos o A. como essa base tinha um fundo peninsular forte, uma infra-estrutura que pôde permitir, sem grandes estragos, um largo assento romano. E sobre ambos, sobre o peninsular e sobre o romano foram proliferar, como é sabido e o A. demonstra, as Artes indispensáveis à nova religião.

O Cristianismo teve, a princípio, necessidades limitadas, dado o seu âmbito restrito; mas com a liberdade de cultos e a sua conseqüente expansão, serviu-se de todas as possibilidades que a Arte lhe podia dar, não só para a Arquitectura dos templos, como da sua decoração, fosse ela pintura, escultura, ou as mal chamadas Artes menores (a Arte não se mede a palmos).

Nasceu a Primeira Arte Cristã precisamente da integração do Cristianismo dentro do ambiente em que começou a dar largas à sua expansão; e o

Prof. Palol soube, neste seu livro, proporcionar-nos uma visão evolutiva das principais manifestações artísticas que mais interessa conhecer neste período, aliás preparatório de um novo mundo. O Paganismo ainda não estava extinto, se é que alguma vez o estará, e o Cristianismo, forte na sua doutrina, ainda não se encontrava tão bem estruturado que não permitisse surgirem, entre os seus adeptos, heresias de modalidades várias. Era um remexer constante que só iria tomar sentido e forma, na Península, depois da unificação religiosa e política no tempo de Recaredo, no final do séc. VI. Esse novo período é o chamado visigótico, ou da Segunda Arte Cristã; teve pouca duração, pois quando entrava na maturidade terminou cerce, com a invasão árabe, em 711.

O período da Primeira Arte Cristã tem preocupado, principalmente, os historiadores, desde longa data. Os arqueólogos, sobretudo nos últimos anos, têm-lhe dado farta contribuição; e justo é salientar o papel preponderante nela representado, em Espanha, pelo Prof. Palol.

O estudo da Alta Idade Média continua na ordem do dia e tem neste denso volume, largamente ilustrado, a sua melhor representação. Nos XIV capítulos que o compõem, o A. trata,

sucessivamente, dos templos paleocristãos, dos de transição para os hispano-visigodos, dos funerários, baptistérios, altares, mosaicos, motivos decorativos, necrópoles, artes menores. Conclui o A. por considerar a Arte funerária, onde se nota sempre a marca romana, como a mais antiga manifestação artística paleocristã hispânica. A Arte da Síria e da Palestina, com passagens por Bizâncio e Alexandria, exerceram influências artísticas manifestas no N. de África Cristã. Por sua vez, por Cartago passara um povo germânico, os Vândalos, e na Península ficaram povos da mesma origem; estreitaram-se, assim, as relações dos dois povos, aliás reforçados, ainda, no tempo das conquistas norte-africanas e peninsulares de Justiniano, que levaram o A. a propor a existência, não seguida unânimeamente por todos os historiadores, da formação de uma província artística paleo-cristã norte-africana.

Trata-se, pois, de um livro que já podemos considerar clássico por ser de consulta indispensável para quem pretender debruçar-se sobre uma época de tanto interesse para a História da Península. Auxiliam comodamente a sua consulta, índices geográfico, onomástico, de estampas, de gravuras e de mapas.

*D. Fernando de Almeida*